

A NORMANDIA SUL-AMERICANA: ASPECTOS NAVAIS POR OCASIÃO DO 150º ANIVERSÁRIO DA TRAVESSIA ALIADA NO PASSO DA PÁTRIA

Luiz Augusto Rocha do Nascimento (Colégio Militar de Brasília)

Palavras-chave: Passo da Pátria, Marinha do Brasil, Tríplice Aliança.

INTRODUÇÃO

As operações de transposição de cursos d'água, entre as várias operações militares existentes, é uma das mais difíceis de coordenar e executar. O grau de complexidade aumenta exponencialmente caso isso ocorra à frente do inimigo postado na outra margem. Vários filmes já celebrizaram a Operação *Overlord* (o desembarque das Forças Aliadas nas praias da Normandia) no dia 6 de junho de 1945.

A Operação *Overlord* foi planejada em detalhes sob um manto de extremo segredo. Dois anos antes do desembarque aliado essa parte da costa francesa já era visitada por forças especiais aliadas. Elas iam às praias para estudar minuciosamente o terreno a ser escolhido como local do desembarque. Entre seus equipamentos, esses homens levavam uma cápsula de cianureto. Cais prisioneiro não era uma opção.

A Guerra do Paraguai, na América do Sul, teve uma travessia levada a efeito setenta e oito anos antes da Normandia, viu uma operação semelhante: o desembarque dos Aliados (Argentina, Brasil e Uruguai) no Passo da Pátria. Os argentinos chamaram essa operação de *Pasaje del rio Paraná del 16 de Abril de 1866*ⁱ. Foi uma grande operação e que marcou para sempre a História Militar dos países que se envolveram nela.

As operações de travessia de cursos de água não eram desconhecidas das forças militares da América. Forças brasileiras, particularmente no sul do Brasil, se dedicaram à essa atividade desde o século XVIII. Esse conhecimento histórico se avolumou e se perpetuou nas tropas envolvidas. Porém, eram operações de menor vultoⁱⁱ.

O objetivo do presente trabalho é apresentar alguns aspectos navais envolvidos nessa operação. A finalidade é de rememorar esse grande feito das armas dos países aliados, em geral, e da marinha brasileira, em particular. Ao final desta pesquisa pretende-se que esses aspectos, rememorados no seu 150º aniversário, se coloquem com a grandeza e admiração que seus participantes merecem.

A SITUAÇÃO ALIADA (DEZEMBRO DE 1864 A DEZEMBRO DE 1865)

As forças brasileiras se encontravam no rio da Prata quando o presidente Lopez iniciou sua ofensiva contra o território brasileiro de Mato Grosso. Posteriormente, Lopez lança suas tropas sobre Corrientes e o Rio Grande do Sul. O presidente paraguaio se preparou detalhadamente para a guerra. Era uma pessoa meticulosa, conhecia minuciosamente seu país e formulou suas ações com muita antecedência.

Pela primeira vez o Brasil se encontrava na condição de lutar em duas frentes. Concluía suas ações no Uruguai, cujo fim das operações se deu somente a partir do Convênio de 20 de fevereiro de 1865. Ao mesmo tempo enfrentava os paraguaios no Mato Grosso desde dezembro de 1864. O Brasil jamais lutara nessas condições. A situação era complicada e exigia respostas rápidas.

O novo ministro de Negócios Estrangeiros, Otavianoⁱⁱⁱ, substituiu Saraiva^{iv} no rio da Prata, e manteve Tamandaré no comando-em-chefe das forças brasileiras. O Marechal Mena Barreto^v, adoentado, retornara ao Brasil. O chefe da esquadra, face à urgência da situação, elaborou um plano de operações para a luta contra o Marechal Lopez. Resumidamente, o plano mencionava^{vi}:

a) Transportar, por via fluvial, o exército brasileiro de Montevideú para um ponto a quinze milhas abaixo de Humaitá (fortaleza paraguaia construída sob a orientação de uma Missão Militar brasileira) e criar aí uma cabeça de ponte, organizando convenientemente o terreno.

b) Efetuar bloqueio apoiado na tropa e ao mesmo tempo protegê-la de flanco. Marchar depois na ocasião oportuna contra Humaitá – primeiro objetivo. Esta coluna que se poderia chamar de sul, numeraria uns trinta mil homens.

c) Simultaneamente com ela, invadir pelo norte com outra de uns vinte mil homens;

d) Formar um corpo de observação em São Borja (noroeste do Rio Grande do Sul) que ameaçasse uma invasão a partir daí e obrigasse o inimigo a ter força numerosa em Santo Tomé, cidade correntina às margens do rio Uruguai, próxima a São Borja.

A necessidade imperiosa de emprego das forças navais na guerra, sobretudo a brasileira, ficou clara desde cedo. O Uruguai não tinha embarcações a fornecer e a Argentina contribuiu inicialmente com três barcos. O Tratado da Tríplice Aliança, em

seu parágrafo terceiro, já mencionavam que “as forças marítimas dos aliados ficarão sob o imediato comando do Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, Comandante-Chefe da Esquadra de Sua Majestade o Imperador do Brasil”^{vii}.

Lopez sabia que precisava destruir a força naval brasileira. A notícia de sua ofensiva sobre a província de Corrientes, no norte da Argentina, fez com que se mandasse uma força naval contra ele. A terceira divisão sob o comando do Capitão de Mar e Guerra José Secundino Gomensoro, composta da corveta Jequitinhonha e das canhoneiras Araguari, Iguatemi e Ipiranga, zarpou para impedir o avanço da frota adversária. Em 16 de abril atingiu Rosário e a 2 de maio chegou a Bela Vista^{viii}.

A Batalha Naval do Riachuelo, travada no dia 11 de junho de 1865, no rio Paraná, véspera da invasão paraguaia no Rio Grande do Sul, frustrou os planos de Lopez de dominação fluvial do teatro de operações. A esquadra brasileira, apesar de não estar adaptada para o combate fluvial, venceu sua oponente paraguaia. Assim observou Centurión:

Uma vez instalado em Humaitá, el mariscal López se dedico a los preparativos para atacar de improviso y apoderarse de la escuadra enemiga que em los primeros dias de Junio vino a fondearse frente al Riachuelo, um poco más abajo de Corrientes. Sin duda, le preocupaba la idea de dominar el rio cuya realización se imponia como una necesidad indispensable para poder continuar la campaña de Corrientes. A la verdade, la dominación del rio era tan esencial, que sin ella, no era posible columbrar um resultado favorable a la campaña iniciada, porque anulaba uno de los elementos poderosos com que contaba el Paraguay para cooperar y facilitar la consecución del éxito de la misma: cual era la Escuadra Nacional^{ix}.

A ofensiva de Lopez se interrompeu após seus fracassos terrestres em Corrientes e no Rio Grande do Sul. Retraiu suas forças do norte da Argentina e fuzilou seu comandante. Perdeu tropas bem-treinadas sob a rendição de um mal comandante em Uruguaiana. Retornou ao seu território e aguardou o ataque aliado. Dezembro de 1865 viu os aliados em Corrientes iniciando seus preparativos para atravessar o rio Paraná.

PREPARATIVOS PARA A INVASÃO

As tropas do general Osório estavam concentradas no Passo da Pátria, às margens do rio Paraná, desde 26 de dezembro de 1865. Ele, desde cedo, iniciou os trabalhos necessários para realizarem a travessia do caudaloso rio. Como nos trouxe o general Fragoso:

Pode-se avaliar facilmente a importância da operação ponderando na grandeza do curso de água que se deveria transpor à viva força e na massa considerável de homens (cerca de 65.000), de animais e de material que havia mister levar rapidamente para o outro lado. Graças às criteriosas medidas táticas e técnicas tomadas de antemão, e à presença da esquadra brasileira no local, tudo se fez com tal método e regularidade, que essa travessia pode ficar como exemplo característico e instrutivo de operações dessa natureza^x.

Osório liderou os preparativos brasileiros para a travessia. Entre suas preocupações, necessitava de recursos técnicos para que fosse capaz de cruzar o rio Paraná. Determinou que esse problema ficasse a cargo do Doutor José Carlos de Carvalho, Tenente-Coronel, chefe da Comissão de Engenheiros. Carvalho se instalou em Corrientes e iniciou seus trabalhos. Criou uma oficina onde construiu barcos de modelo francês^{xi}.

O trabalho destinado ao Tenente-Coronel Carvalho era muito grande. Corrientes, capital ad província argentina, não possuía o material suficiente para que desse cabo da sua missão. Procurou em Buenos Aires, por determinação de Osório, o nosso ministro de Negócios Estrangeiros Francisco Otaviano de Almeida Rosa. Buscou apoio do ministro, substituto do ministro Saraiva, para conseguir material para a construção de mais embarcações^{xii}.

O Tenente Coronel Carvalho, ex-instrutor da Escola Militar, preparou em Corrientes, com muita antecedência, portanto, os meios possíveis de transporte, construído grande número de chalanas (canoas) de pinho, balsas sobre flutuantes da mesma espécie, a que se juntavam as chatas tomadas ao inimigo e que foram preparadas para o transporte da artilharia e de trem pesado^{xiii}.

Lopez não ficou imóvel enquanto os aliados se organizavam em Corrientes. Começou de modo improvisando, com o envio de canoas com alguns paraguaios para a margem sul do Paraná. Dia a dia o presidente paraguaio enviou forças ao território ocupado pelos aliados. Trocaram vários tiros, incluindo a região próxima a *Itapiru* e *Carayá*^{xiv}. O raids de Lopez, que ele chamava de *Fluvia*^{xv}, seguiram até 19 de fevereiro de 1866^{xvi}.

O último ataque de Lopez coincidiu com o transporte de tropas para *Itapiru*. Os vapores paraguaios voltaram a *Itapiru* e deixaram nessa posição as tropas que continuaram a cruzar o rio Paraná até o dia 22. O *Guauguay* ficou em *Itapiru* e os outros quatro que participaram da operação paraguaia subiram depois para Humaitá. As

embarcações de Lopez navegaram sem represálias, pois Barroso alegava não ter meios navais para se opor ao inimigo^{xvii}

Outro acontecimento importante marcou, dois dias depois, no dia 24 de fevereiro de 1866, a preparação do exército brasileiro para a operação de travessia do passo da Pátria. O Tenente-Coronel Carvalho, escreveu ao General Osório do Acampamento de *Tala-Corá*. Informou o general Osório da situação, até aquele momento, dos meios que se faziam necessários para a travessia:

Para passar o rio Paraná existem no Exército os seguintes meios: 43 canoas, completamente equipadas, podendo transportar 1.075 praças; dois batelões, que transportam 120, e nove pontões de goma elástica, que transportam 225; ao todo 1.420. Existe mais um vapor de excelente marcha para rebocar. Estão a chegar de Montevideu e Buenos Aires mais dois vapores, destinados para o mesmo fim. O vapor *S. Paulo*, fretado para o serviço do Exército, pode empregar-se também neste mister, e, segundo sou informado, pode transportar 400 praças. Devem vir também brevemente dos mesmos portos acima mencionados pelo menos 10 batelões, cada um dos quais poderá 40 praças. O Exmo. Sr. Visconde de Tamandaré prometeu dar para o serviço da passagem quatro dos pequenos vapores da esquadra e três ou quatro chatas. A vista da atividade com que se trabalha em Corrientes, ter-se-á, até ao dia 10 do mês próximo futuro, mais de 50 canoas para 1.250 praças, dois batelões para 120 e seis balsas para a artilharia, carretame e cavalaria, além dos meios de defesa que ali se estão preparando. Nos primeiros dias do mês de março ficará pronta a grande chata que V. Exa. Mandou construir em Corrientes. Temos na cidade de Corrientes 800 remos, 120 ancorotes de quatro e seis arrobos, 500 mil pés de pranchões de pinho, grande quantidade de cabos de diversas bitolas, ferro, pregos, enfim, todo o material e matéria prima de que se pode necessitar para empreender qualquer construção que o tempo permitir^{xviii}

No dia 25 de fevereiro de 1866 ocorreu um Conselho de Guerra na cidade de Corrientes. O Conselho foi presidido por Bartolomeu Mitre e contou com a presença dos generais dos exércitos aliados e do almirante Tamandaré. Esse encontro tratou de coordenar um plano de invasão do país de López, acordando como se daria a entrada no território paraguaio e os possíveis pontos de desembarque. Segundo Palleja, todos os meios de travessia ficavam em Corrientes pelo menos até 21 de março de 1866^{xix}.

Osório e Mitre concordavam com a necessidade da operação. Contudo, achavam que o conhecimento do terreno era fundamental para decidirem exatamente onde ela seria levada a cabo. Acreditavam que a decisão deveria ser em cima de um objetivo racional baseado em levantamentos geográficos e reconhecimentos no terreno, buscando o menor número de baixas entre os aliados.

Tamandaré achava que poderia transportar a tropa, durante a travessia, sem a perda de um só homem. O almirante pretendia o uso, para esse fim, de algumas canhoneiras, de vapores menores, de chatas e de todas as embarcações sob a responsabilidade da esquadra. Contava, também, com balsas e canoas de que dispunha o exército. Acrescentou que tinha elementos para transpor, de um só golpe, de oito a dez mil homens. Logo, em um só dia, transportaria todo o exército^{xx}.

O papel da Marinha foi crucial para o sucesso da travessia. Tamandaré envidou esforços para aparelhar suas forças. Sua presença era esperada para que pudessem cruzar o rio Paraná e levar a guerra ao território paraguaio. Todos sabiam da sua missão crucial de bombardear o Passo da Pátria e, posteriormente, Humaitá^{xxi}. A Marinha brasileira se apresentava conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – Composição da força naval de Tamandaré em 17 de março de 1866.

Navios	Nomes
Couraçados	Brasil, Bahia, Tamandaré e Barroso.
Canhoneiras	Parnaíba, Belmonte, Beberibe, Araguari, Itajaí, Magé, Ivaí, Mearim, Iguatemi, Ipiranga, Greenhalgh e Henrique Martins.
Avisos	Chuí, Onze de Junho, Lindóia, Voluntário e General Osório.
Transportes	Apa, Marcílio Dias, Isabel, Princesa de Joinville e Iguaçu (não movido a vapor).
Transportes fretados pelo governo do Brasil	Whith-Inch, Viper, Suzam-Bearn, Riachuelo, Presidente, Duque de Saxe e Galgo.

Fonte: adaptado de Fragoso, 1957, p. 349.

Os aliados procederam a vários reconhecimentos para determinar o ponto de travessia para atacar o Paraguai. Tamandaré iniciou preparativos para o reconhecimento, enviando o Capitão de Mar e Guerra Alvim^{xxii} e uma comissão de hidrógrafos^{xxiii}. A expedição foi atingida por fogos do forte de *Itapiru* e de chatas artilhadas na sua passagem. Esse episódio deu origem à chamada Guerra das Chatas^{xxiv}.

Hornos, general argentino, Flores, generalíssimo dos orientais^{xxv}, Mitre, presidente da Argentina, e o Tenente Coronel Carvalho também embarcaram em navios argentinos e brasileiros e percorreram o rio Paraná, verificando possíveis opções. Estes reconhecimentos se deram, em algumas ocasiões, sob o fogo paraguaio. Esses reconhecimentos contribuíram para decidir que o Passo da Pátria era o melhor ponto.

A tomada do forte de *Itapiru* foi o primeiro passo da travessia do rio Paraná. Os fogos do forte incomodaram os aliados nos reconhecimentos realizados para achar um ponto de passagem. O ataque se iniciou no dia 5 de abril de 1866. A Marinha apoiou essas operações com os vapores General Osório, Voluntários da Pátria, Duque de Saxe e Riachuelo. Participaram do combate, também, chatas e canoas construídas por Carvalho^{xxvi}.

A esquadra brasileira também participou do combate com a Henrique Martins (1º Tenente Jerônimo Gonçalves), a Greenhalgh (1º Tenente Marques Guimarães) e o Chuí (Tenente Neto de Mendonça)^{xxvii}. Centurión, assessor do presidente Lopez, chamou os três navios de encouraçados e acrescentou que havia mais cinco canhoneiras apoiando essas três. O paraguaio afirmou que o coronel Bruguez causou o afundamento de uma lancha a vapor e uma chata brasileira^{xxviii}.

A travessia do rio Paraná, realizada pelas forças aliadas, ocorreu no dia 16 de abril de 1866. O efetivo das tropas aliadas era o seguinte: 25.000 argentinos; 37.870 brasileiros e 2.860 orientais, totalizando um efetivo de 65.730 homens^{xxix}. A travessia acrescentou 17 peças de artilharia argentinas^{xxx} e 48 peças brasileiras^{xxxi}. A munição brasileira (Quadro 2) mostra a enorme quantidade de munições que precisavam transpor para a outra margem.

Quadro 2 - Munições do 1º Corpo Brasileiro (Osório).

Classificação	Total
Foguetes	2672
Calibre 4	33.320
Calibre 6	11.248
Calibre 12	3.740
Cunhetes para Cavalaria e Infantaria	1.999
Cápsulas	2.090.000

Fonte: adaptado de FRAGOSO, 1957.

Os aliados escolheram quatro pontos para o embarque das tropas da travessia. A escolha se deu após minuciosas sondagens, realizadas previamente, para que não pudessem ser vistos da margem paraguaia. Construíram quatro pontes: uma fixa, de estacadas (palafitas), duas de balsas, sobre canos, e outra feita em uma ponta de terra com faxinas (feixe de galhos amarrados) e tábuas, ligada a uma balsa e sobre canoas^{xxxii}.

Os desembarques, conforme acertado entre os chefes das tropas aliadas, se fizeram por escalões sucessivos (expedições). A 1ª e a 2ª expedição eram apenas de tropas brasileiras. O general Osório teria essas expedições a seu cargo. A 3ª expedição compunha-se de tropas orientais e brasileiras, sob o comando do general Venâncio Flores. Depois, passou o restante do exército aliado. O Quadro 3 mostra essa composição:

Quadro 3 – expedições de travessia do rio Paraná.

Escalão	Tropa	Transporte
1º (Osório)	3ª Divisão Brasileira (Sampaio)	<i>Wipper</i> (chata Rio Grande com 71 cavalos), 2 canoas com 50 praças e 2 canoas com ferramentas. <i>Whiteinch</i> (chata Cearense com munição de infantaria e artilharia) e 2 canoas com 1 contingente do Batalhão de Engenheiros. <i>Suzan-Bearn</i> (chata Pernambucana com toda a artilharia – 8 peças) e 2 canoas com a munição.
2º (Osório)	1ª Divisão (Argolo)	Marcílio Dias, Riachuelo, Duque de Saxe e Berenice. Presidente (chata Monitor com 40 cavalos), 2 canoas com 50 praças de engenharia e 2 com as ferramentas.
3º (Flores)	Exército Oriental 1º Corpo do Exército Argentino	Guarda Nacional, Pavón, Aliado, Provedor, Buenos Aires e Libertad (argentinos). Chatas e canoas com canhões, munições e cavalos Transportes Isabel e <i>Whiteinch</i> (brasileiros).

Fonte: adaptado de FRAGOSO, 1957; e GARMENDIA, 1901.

A condução da parte naval da travessia, assim como todo o desembarque, ficou a cargo do Capitão de Mar e Guerra Torres e Alvim. A partir da 3ª expedição (ou escalão), inclusive, esse oficial tomou para si a responsabilidade de coordenar e controlar todo o embarque^{xxxiii}. Esse procedimento ocorreu porque Osório e Flores estavam embarcados e outra pessoa precisava tomar para si as decisões necessárias.

A travessia se iniciou às 8h30^{xxxiv} e ocorreu após um bombardeio violento da margem paraguaia do Paraná. Ele era mais intenso na região de *Itapiru*. Esse cuidado se deu para chamar a atenção de Lopez para esse setor da frente. Assim, reforçou na sua mente, após a ocupação da ilha da Redenção, que o desembarque seria nas suas proximidades^{xxxv}. O bombardeio das praias da Normandia, comparando, também precedeu o desembarque.

As balsas atracaram à terra e estabeleceram pontes de canoas entre a margem do rio e os vapores. Começaram logo o desembarque das tropas. Eram 9h00. O fogo da esquadra tornara-se cada vez mais intenso na praia de *Itapiru*. A 3ª Divisão Naval deixara a posição que ocupara no início da operação e entrara no Paraguai para proteger o desembarque. Osório e seus ajudantes foram os primeiros a desembarcar^{xxxvi}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A travessia do rio Paraná foi um sucesso graças à preparação metódica realizada à época. Embora a tecnologia disponível não se comparasse aos meios presentes na Europa, a operação de travessia fazia parte das operações militares brasileiras desde o século XVIII. Assim, cruzar rios fazia parte das guerras que varreram a bacia do rio da Prata desde o início dos conflitos entre seus países.

No entanto, a travessia militar do rio Paraná, dentro do contexto da Guerra da Tríplice Aliança, foi a mais complexa operação realizada na América do Sul até aquele momento. As dificuldades apresentadas no local foram basicamente: a impetuosidade do rio Paraná; a presença dos paraguaios na margem norte do rio; a necessidade de meios específicos para a travessia; e o desconhecimento do terreno para escolha do local de desembarque das tropas e materiais.

A Marinha brasileira foi de importância vital para o êxito da operação. O Visconde de Tamandaré foi extremamente capaz de vencer as dificuldades de uma frota de mar para reunir embarcações capazes de atuar nos rios do teatro de operações. A Comissão de Engenheiros do 1º Corpo de Exército brasileiro também foi muito diligente de preparar meios de travessia e desembarque. Esta comissão foi também muito ajudada pelo ministro Otaviano na obtenção de materiais necessários para a construção desses meios de travessia.

O sucesso da operação se deveu ao preparo meticuloso e à liderança dos chefes presentes. A competência dos chefes levaram a preparação à bom termo. Suas ações diligentes proporcionaram o sucesso. Assim, uma operação temerária transformou-se, às primeiras horas do dia 16 de abril de 1866, em um êxito militar incontestável. Portanto, as ações navais empreendidas para a operação foram lograram o resultado esperado.

Este trabalho teve o objetivo de apresentar alguns aspectos navais envolvidos nessa operação. O autor deste trabalho acredita que, embora em espaço bastante curto, foi capaz de dimensionar as dificuldades envolvidas nesse processo de travessia e fornecer uma ideia, mesmo que distante, dos riscos envolvidos na operação. Portanto, nossa História Militar não deixou nada a dever à famosa Operação *Overlord*.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Francisco Otaviano**: Biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/francisco-otaviano/biografia>

BENTO, Cláudio Moreira. **Travessia militar de brechas e cursos d'água no Brasil**. In: A Defesa Nacional. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1985. Disponível em: <http://www.ahimtb.org.br/TRAVESSIA%20MILITAR.pdf>

CENTURION, Juan Crisostomo. **Memorias**. v. 2. Imprenta de Obras de J A Berra. Buenos Aires, 1894. Disponível em: <https://ia601408.us.archive.org/29/items/memoriasdelcoro01centgoog/memoriasdelcoro01centgoog.pdf>

DUARTE, General Paulo de Queiroz. **Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**: o Comando de Osório. v.2. Tomo I. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1982.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. v.2. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1957.

GARMENDIA, José Ignacio. **Campaña de Humaytá**. Casa Editora de Jacobo Pauser. 1ª Edición. Buenos Aires, 1901. Disponível em: <https://ia601405.us.archive.org/1/items/campaadehumayt00garmgoog/campaadehumayt00garmgoog.pdf>.

PALLEJA, León de. **Diário de La Campaña de las Fuerzas Aliadas contra el Paraguay**. Biblioteca Artigas. Uruguai, 1960. Disponível em: <http://www.bibliotecadelbicentenario.gub.uy/innovaportal/file/65109/1/clasicos-uru-vol30.pdf>.

SIQUEIRA, André Cezar. **Batalha Naval do Riachuelo**: 150 anos de uma vitoriosa Operação Conjunta da Marinha e do Exército do Brasil. Revista Navigator. v. 11. N. 21. p. 74-83. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.revistanavigator.com.br/navig21/dossie/N21_dossie5.pdf

THOMPSON, Jorge. **La Guerra del Paraguay**. Imprensa Americana. Buenos Aires, 1869. Disponível em:
http://www.portalguarani.com/614_george_thompson/22331_la_guerra_del_paraguay_tomo_primer_1910_jorge_thompson.html.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG). **Biografia de José Antônio Saraiva: o conselheiro Saraiva**. Disponível em:
<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoseASar.html>. Acesso em 2016.

ⁱ GARMENDIA, 1901.

ⁱⁱ BENTO, 1985.

ⁱⁱⁱ Francisco Otaviano (Francisco Otaviano de Almeida Rosa), advogado, jornalista, político, diplomata e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de junho de 1826, e faleceu na mesma cidade em 28 de junho de 1889. É o patrono da cadeira n. 13, por escolha do fundador Visconde de Taunay.

^{iv} Político e estadista brasileiro. Conselheiro do Império notabilizado pela lei que tomou seu nome.

^v João Propício Mena Barreto, Barão do Cerro Largo.

^{vi} FRAGOSO, 1957, p. 7-11.

^{vii} FRAGOSO, 1957, p. 29.

^{viii} SIQUEIRA, 2015.

^{ix} CENTURIÓN, 1894, p. 206.

^x FRAGOSO, 1957, p. 388.

^{xi} FRAGOSO, 1957, p. 343.

^{xii} FRAGOSO, 1957.

^{xiii} FRAGOSO, 1957, p. 388.

^{xiv} THOMPSON, 1869.

^{xv} THOMPSON, 1869.

^{xvi} FRAGOSO, 1957, p. 341.

^{xvii} FRAGOSO, 1957, p. 342.

^{xviii} FRAGOSO, 1957, p. 343-344.

^{xix} PALLEJA, 1980, p. 140.

^{xx} FRAGOSO, 1957, p. 348-349.

^{xxi} PALLEJA, 1980, p. 137.

^{xxii} Comandante da 2ª Divisão Naval em operações.

^{xxiii} A comissão, composta pelos Primeiros Tenentes Silveira da Mota, Hoonholtz e Cunha Couto embarcou na Araguari para realizar um levantamento hidrográfico do rio Paraná.

^{xxiv} FRAGOSO, 1957.

^{xxv} Uruguaios. República Oriental do Uruguai.

^{xxvi} DUARTE, 1982, p. 179

^{xxvii} FRAGOSO, 1957, p. 367.

^{xxviii} CENTURIÓN, 1894, p. 58.

^{xxix} FRAGOSO, 1957, p. 385.

^{xxx} GARMENDIA, 1901.

^{xxxi} FRAGOSO, 1957, p. 385.

^{xxxii} FRAGOSO, 1957, p. 388-389.

^{xxxiii} FRAGOSO, 1957, p. 391.

^{xxxiv} GARMENDIA, 1901, p. 44.

^{xxxv} FRAGOSO, 1957, p. 391.

^{xxxvi} FRAGOSO, 1957, p. 393.